

Contar & Encantar: histórias que nos formam⁸⁸Andréa Serpa⁸⁹**Resumo**

O texto aborda as diferentes contribuições que a “contação de histórias” traz para o processo de construção da palavra escrita. A narrativa é produzida a partir das experiências como docente nos aieb e como formadora de docentes no curso de pedagogia da feuff. As reflexões, que partem dos encontros com as práticas desenvolvidas no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, dialogam com benjamin, larrosa e vigotsky. Estas buscam apontar as contribuições das narrativas para a formação humana e, especialmente, das crianças, jovens e adultos na escola básica.

Palavras-Chave: Infâncias; histórias; desenvolvimento infantil.

Abstract

The text discusses the different contributions that the "storytelling" brings to the process of construction of the written word. The narrative is produced from the experiences as a teacher in aieb and how teachers forming in the course of pedagogy of feuff. The reflections, departing from encounters with the practices developed in the field of education, research and extension, dialogue with benjamin, larrosa and vigotsky. These seek to point out the contributions of the narratives for the human formation and especially of children, young people and adults in elementary school.

Keywords: Childhood; stories; child development.

⁸⁸Texto escrito a partir da mostra “Coisas e outras coisas de crianças” realizada no II Congresso Internacional Infâncias e Brinquedos de Ontem e de Hoje.

⁸⁹Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Pesquisadora da área de Currículos, Avaliações e Políticas Públicas para Educação das Infâncias; Professora Adjunta II da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: serpa32@hotmail.com

Em 2011 ao lecionar a disciplina de Alfabetização, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, na Universidade Federal Fluminense, constatei que uma das grandes dificuldades das alunas era pensar possibilidades de uma alfabetização a partir de outros textos que não fossem aqueles comuns às cartilhas. Esbarrei em um profundo desconhecimento dos artefatos culturais historicamente produzidos pelas crianças e para crianças, pois eram poucas as memórias que as alunas traziam das cantigas de roda, parlendas, trava-línguas e, principalmente, das histórias infantis.

Mitos, contos de fadas, contos folclóricos, histórias indígenas, africanas ou das “mil e uma noites” eram pouco conhecidas, ou conhecidas de forma superficial e, imediatamente, acendeu-se uma luz vermelha: como pode um professor alfabetizador – e compreendo que todo professor é antes de tudo e qualquer coisa um alfabetizador, já que a alfabetização é um processo que se inicia com nosso nascimento em uma sociedade letrada e nos acompanha ao curso de toda vida como aprendizes da palavra – libertar-se da cartilha e seus “textos” pobres, textos sem “contextos”, sem possuir um repertório que produza na criança o encantamento pela palavra? Para mim, não se ensina alguém a ler apenas por suas funções sociais, práticas ou funcionais. A palavra não possui, como nos ensinou Vigostky (2001), apenas funções entrepsíquicas, mas também funções intrapsíquicas. A palavra além de ser uma forma de comunicação com o mundo e de interação com o mundo, é uma forma de comunicação conosco, com nossos porões, com nossas sombras, com nossos sentimentos e pensamentos. Ela nos constitui, nos organiza de dentro para fora e, como nos aponta Larrosa (2002), é preciso pensar na leitura *“como algo que nos forma, (ou nos trans-forma e nos de-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos”*.

A palavra escrita nos disciplina o pensamento, nos exige uma forma de expressão que nos obriga a trazer para a racionalidade o que explode, tantas vezes, de forma confusa e desconexa em nós. Ao tornar sentimentos palavras, os clareamos até para nós mesmos, nos conscientizamos e nos empoderamos deles. Assim, a palavra, lida, escrita, compartilhada, inventada, traída, traduzida em versos e prosas não é apenas funcional do ponto de vista social. Não é um “item no currículo”, não a

ensinamos apenas para alguém anotar recados, trocar receitas, ler jornal ou usar o caixa eletrônico. Não a ensinamos para que as pessoas possam fazer provas ou compras no supermercado. Essas são funções mais elementares da escrita, sua superfície.

A palavra, e a palavra escrita, nos funda como pessoas. Possui funções primordiais na constituição de nossas ideias, sonhos, valores, projetos, sentimentos, expectativas, concepções de mundo, de vida. Possui funções políticas, sociais e históricas, mas também, funções psicológicas, morais e afetivas. A escrita está diretamente relacionada com a capacidade humana de representar o mundo em que vivemos, de traduzi-lo em signos, em símbolos. O desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano, não se restringe apenas ao treino e à memória, pois sua conexão maior está com a imaginação, a criação de signos que representem sentidos e significados compartilhados.

Nos meus 26 anos de magistério aprendi que podemos até aprender a ler e a escrever, mas só nos tornaremos leitores e escritores quando arrebatados pelo encantamento com a palavra. Foi devido a este entendimento que busquei, atuando como professora alfabetizadora da rede municipal de educação do Rio de Janeiro, a formação de contadora de histórias. Esta foi uma estratégia para contar, encantar e alfabetizar, tanto as crianças de 04 ou 06 anos, quanto os jovens de 15 e as senhoras de 70.

Como formadora de novas professoras, percebi a necessidade de expandir essa formação e hoje compartilho o que aprendi em oficinas, curso de extensão e atividades de docência na Universidade. Este texto é, portanto, também um convite, para que mais professoras deixem os exercícios de cópias de letras, que pouco sentido fazem para seus alunos – e pouco sucesso vem produzindo –, e se lancem na descoberta da riqueza e da potência da alfabetização – dos bebês às senhorinhas – a partir dos contos, das fábulas, dos mitos e da imaginação.

O trabalho a partir da contação de histórias tem objetivos – e resultados – mais profundos do que o simples processo de codificar e decodificar sílabas ou palavras desconexas, mais profundos do que “entreter” ou “acalmar” os estudantes. É um

trabalho que busca formar o narrador. Formar o sujeito que não apenas ouve, mas conta e reconta, conta e recria. Quem narra mergulha no movimento de dizer e dizer-se, de pensar e pensar-se, de criar e recriar-se.

Contar e ouvir histórias é um caminho que envolve: história e memória; tradução e criação; cultura e imaginação; equilíbrio e cura; experiência e humanização. Aqui, vamos dedicar a cada um destes aspectos uma reflexão especial.

História e memória

Desde a aurora de nossa história, a história antes da história, antes que a palavra fosse escrita e os símbolos representando ideias, sons, coisas fossem inventados, havia os “contadores de histórias”. Sentados ao redor da fogueira, diante de um mundo perigoso no qual a morte se apresentava a cada passo, a fome era iminente a cada seca ou inverno, havia os “contadores de histórias”. Antes de existirem professores e sacerdotes, antes de existirem xamãs e cientistas, havia “contadores de histórias”. Sentados ao redor da fogueira, os grupos, bandos ou tribos iam se inventando como povo, construindo uma identidade comum, compartilhando histórias de seus cotidianos, de suas aventuras, de seus medos, de suas conquistas... Foram criando mitos, lendas, deuses. Foram criando epopeias, novelas, trovas e poemas. Foram inventando a palavra que narra, não apenas sobre os fatos, sobre o que se faz presente, mas sobre o ausente, sobre o inexistente, sobre o distante, sobre o imaginável.

A palavra partilhada foi sendo tecida a muitas vozes, com muitos fios. As histórias foram sendo escolhidas pela forma que eram narradas, talvez até mais do que pela veracidade dos fatos, ou relevância dos acontecimentos – quem se importava? A narrativa escolhida por nossa memória é a “nossa verdade”, nossa verdade inventada! Esta memória vai selecionando coletivamente o que queremos lembrar, o que melhor representa nossos desejos e sonhos, nossas utopias e nossas crenças. A narrativa, por

nós criada, é uma forma de arte, de resistência, de formação e invenção disso que chamamos “humano”.

Pode-se tomar as terras de um povo, pode-se saquear suas riquezas, explorar seu solo, privá-lo de sua autonomia política e econômica. Mas, enquanto este povo mantiver viva na memória suas histórias, seus heróis, mitos e lendas, contos e novelas, então ele sobreviverá como nação.

A tradição oral, como a alma encapsulada no tempo, por meio das narrativas, guardou as lições que nossos ancestrais julgaram as mais importantes de serem recontadas. Estas ainda vivem em nós como memórias, até hoje, por meio das contações de história. No caso da sociedade brasileira, somos privilegiados e temos muitas memórias... memórias da Europa, memórias da África, memórias dos povos nativos, e tantas outras que vão se juntando a essas predominantes para potencializar a re-criação de novas/velhas narrações. E como isso é possível? Como é possível que tantas histórias nos habitem? Histórias são atemporais. São locais e são globais. São memória da história humana no planeta.

Tradução e criação

As narrativas que atravessaram séculos, cordilheiras e mares, traduzem, interpretam e reinterpretem fatos, acontecimentos, desejos, sonhos e utopias. São, portanto, traduções do que fomos, do que somos e do que almejamos ser, pois cada história contada se projeta no futuro, criando sonhos, novos sujeitos, novas realidades, novas possibilidades.

Na formação da subjetividade humana não existe diferença entre o real e a fantasia. Se nos emociona, se nos “afeta”, sensibiliza, motiva, desperta ideias e faz pensar, é real. Cria realidades.

Um astronauta que acabava de chegar de uma viagem depois de meses vivendo em uma estação espacial, encontrou com uma atriz de uma famosa série de TV (Star Track Voyager) e foi elogiar o trabalho. Ela o questionou perguntando-lhe qual era a

graça de uma série de ficção que mostrava um futuro tão fantástico, pois ele via tudo aquilo de perto, convivia com aquela realidade?! Ele respondeu que a série o inspirava a pensar onde os homens podem chegar!

E não foi assim, com o submarino de Júlio Verne? O comunicador do capitão Kirk (Startrack)? Ou a imagem holográfica em Guerra nas Estrelas (Starwars)?⁹⁰ Fantasias que em questão de algumas décadas se tornaram realidade. Neste sentido, existe uma relação dialética entre a ficção e a realidade, entre as narrativas espetaculares e as invenções espetaculares: uma alimenta a outra. Imaginar abre a possibilidade de investigação e criação humanas. Se imaginamos, existe alguma, ou muita, possibilidade de tornar aquilo real um dia. Hoje podemos fazer coisas que nem os sonhos mais fantásticos de Júlio Verne podiam prever. O sonho é que torna o impossível realidade.

Cultura e imaginação

O futuro é um exercício de imaginação do presente e não sua repetição, como infelizmente algumas práticas pedagógicas insistem. Estas são, em grande parte e em larga escala, a repetição do mesmo desde que a escola moderna foi concebida pela modernidade.

A humanidade não chegou até a lua, conheceu as profundezas dos oceanos ou a cadeia de DNA repetindo conhecimentos indefinidamente. Se assim fosse, ainda estaríamos a andar nus, coletando frutas! No entanto, em muitas escolas, domina a lógica de se reproduzir o que já existiu, ignorando que, na velocidade que o mundo se move, e que novos conhecimentos são produzidos, muito do que se impõem aos estudantes é efêmero e, em poucos anos, não fará sentido.

O que somos hoje foi um sonho, uma história no passado. E essa história está se produzindo cada vez mais rapidamente. Então, temos o desafio de escolher qual

⁹⁰Serie de TV exibida na década de 70 no Brasil e filme premiado de George Lucas na década de 80.

patrimônio devemos deixar para o futuro. Que histórias contaremos, que histórias formarão e ajudarão as gerações futuras a pensar os impossíveis?!

Só os seres humanos produzem cultura. Só nós, até onde sabemos, conhecemos ou imaginamos, somos capazes de imaginar outras possibilidades de existência, outros mundos, muitos mundos, outras sociedades, outras vidas. E isso é o que nos permite criar outras realidades – ou sonhar com elas – fazer cultura e história.

Temos, na Pedagogia, contra nós, um passado que nos sufoca com as ideias tolas, rotas e gastas de “ensinar tudo a todos”. Míope para um mundo onde aquilo que compreendemos homogeneamente como “todos”, na realidade são sete bilhões de pessoas que falam milhares de línguas diferentes, trabalham, comem e vivem realidades diferentes. No mundo contemporâneo, o que chamamos de “tudo” são fragmentos de um conhecimento infinito e que se multiplica cada vez mais rápido. Podemos constatar essa avalanche ao nos depararmos com milhões de possibilidades que são abertas por meio de uma simples pesquisa na “internet”. A cada pergunta, a cada palavra digitada, a cada busca: muitas histórias, muitas respostas. Mas, continuam presentes nas escolas as ideias tolas, rotas e gastas de práticas mnemônicas, tecnicistas, reprodutivistas que arrastam suas chinelas, praguejando – inutilmente – contra o futuro, desejando a volta do silêncio, das letras mortas na “lousa” cheia de teias, dos estudantes estáticos, em cadeiras cheias de teias.

De outro lado, temos o futuro. O futuro que nos devora e nos quer tirar o tempo do exercício de humanidade que precisamos para crescer, para entender, para pensar, para sonhar e para criar. Que quer ignorar o passado, devorar o presente e, quase que instantaneamente, morrer ao nascer.

Entre a repetição de um passado velho e enfadonho, e um futuro que torna tudo que toca efêmero, estamos nós. A cápsula do tempo das narrativas encontra-se agora em nossas mãos. O que vamos deixar de herança? Que sonhos? Que lições aprendemos e queremos que ecoem? Que culturas nos formaram e esperamos que formem nossos netos? Temos de conhecer, explorar, investigar essas culturas e delas fazer agora a nossa seleção. Que poemas de amor ficarão? Que “causos” nos falarão de amizade, traição, heroísmo e bravura... que monstros povoarão nossos sonhos e

traduzirão nossos piores defeitos e nossos mais profundos medos? Qual será nossa herança para o futuro? Uma que não seja devorada pelo imediatismo. Uma que não possa ser digerida? Uma que continue a viagem que nos trouxe até aqui. Uma que preserve nossa humanidade, da volátil forma como as coisas surgem e deixam de ser.

Continuaremos imaginando outros futuros possíveis, isso é certo. Continuaremos a produzir cultura, isso também é fato. Mas, o que de nós está se perdendo neste caminho? O que estamos preservando de nós mesmos, de nossas memórias, de nossa história. Se não as contamos, especialmente aos pequenos, elas se silenciarão e, com elas, um pouco de todos nós. Cada história esquecida, cada narrativa perdida, é um pedaço da humanidade que se apaga em nós.

Equilíbrio e cura

Quando escuto algumas narrativas sobre escolas e sobre as relações que acontecem em seu interior, quando vejo professoras jovens e antigas chorando, ressentidas com tanta violência entre as crianças e jovens, entre elas (professoras) e as famílias, entre as famílias e as crianças eu penso: “estamos doentes”.

Nossa sociedade encontra-se severamente enferma. Nossa belicosidade atingiu um alto nível no cotidiano e vivemos tempos de extrema, injustificada e banalizada violência. Violentados e violadores todos nós, quase todo o curso de nosso tempo. Somos violentados com a injustiça e falta de respeito de nossos governantes, assim como somos violentados com a injustiça e a falta de respeito de nossos vizinhos. Na rua, no trânsito, no trabalho, na prática de nossa fé, no exercício de nossa sexualidade, na defesa de nossa cidadania, vivemos pequenas grandes batalhas diárias pelo direito a nossa existência e sobrevivência em um mundo de feras. E logo crescem as garras, os dentes, os uivos. Não tardamos a lutar por nosso lugar na matilha.

Houve, sem dúvida, um empobrecimento nas narrativas que alimentam as novas gerações. É verdade que sempre existiram histórias de guerras e mortes, paixões, traições e grandes vilanias. Mas, havia mais. Parece que nosso tempo

escolheu para deixar de herança as partes mais sujas, mais violentas, mais desprezíveis – talvez as que vendam mais, não é assim? – e abriu mão da poesia, irmandade, heroísmo e altruísmo que existiam nas histórias.

Quando escuto narrativas sobre nossa escola, penso que nos faltam histórias. Nos falta brincar de ouvir e contar histórias. Nos falta brincar de dramatizá-las, de construir outros mundos, de viver outras vidas.

Histórias são terapêuticas e balsâmicas. Elas nos permitem ir a lugares terríveis e dolorosos, de forma segura e com certo conforto. Através da linguagem simbólica enfrentamos nossas perdas, nosso medo de perder. Enfrentamos bosques escuros e sombrios, enfrentamos a fragilidade e agonia da solidão, enfrentamos o medo da morte, o medo da dor, o medo de ter medo. A linguagem simbólica das histórias que ouvimos desde criança, e que nos acompanham por toda vida, possibilitam que imaginemos e experimentemos a sensação de uma traição e da falsidade, de solidariedade e de amizade, de coragem e da “força do fraco”. Descobrimos que patinhos “feios” podem ser, na verdade, “cisnes” e que cisnes podem ser princesas encantadas. Descobrimos que as coisas nem sempre são o que parecem, são sempre mais. Que a Bela pode ser uma Fera, e que a Fera, quando era príncipe é que era um monstro. Questões profundas que nos inquietam, que nos fazem pensar sobre o ser e o estar no mundo, povoam nossa imaginação e tornam-se contos, mitos, lendas, fábulas...

As histórias habitam uma zona de desenvolvimento imanente. Quando crianças ainda não possuímos os recursos emocionais para lidar com tantas dores e perdas, com tantas injustiças e traições (muitos de nós nem quando adultos!), mas na fantasia podemos exercitar nossas emoções, preparando-nos para lidar com sentimentos reais.

Por outro lado, as histórias que narramos, também nos permitem que ao passarmos por situações limites, com fortes impactos sobre nosso desenvolvimento ou estado afetivo, possamos encontrar nas narrativas conforto para nossas muitas aflições. Com as diferentes experiências narrativas, temos a possibilidade de desenvolver resiliência diante de situações reais, podemos trabalhar nossas emoções e ideias e, deste outro lugar, compreender melhor a situação.

Muitas vezes, uma abordagem direta, em uma conversa que coloque o outro – principalmente a criança ou jovem – em uma situação de exposição ou constrangimento, surte pouco efeito sobre o desenvolvimento ou sobre um comportamento que buscamos mudar.

Apesar de vivermos em um mundo onde as redes sociais transformaram em públicas muitas coisas que antes eram essencialmente privadas, e observando que as novas gerações gostam e buscam essa exposição, raramente falamos diretamente sobre nossas vidas, sobre nossa família, sobre conflitos com nossos familiares ou colegas, quando algo nessas relações realmente nos incomodam de fato.

Neste sentido, não só, mas principalmente as novas gerações (assim como outros sujeitos com alguma dificuldade emocional de comunicação) necessitam de uma abordagem indireta ou mediada por algum artefato, que os afastem do protagonismo da conversa. Uma pintura, uma música ou uma história pode ser objeto de mediação e permitir ao professor explorar e compreender melhor o diverso universo humano. Este objeto de mediação pode propiciar uma estratégia que venha a trazer mudanças positivas para as subjetividades dos estudantes e destas nas suas relações com o mundo.

Discutir sobre uma narrativa permite-nos tecer reflexões sobre questões presentes na vida de todos nós: violência, preconceitos, medos e desejos; sem necessariamente colocar o “outro” no centro da situação. Afinal, o objeto de mediação nos coloca no mundo da ficção, o protagonismo está no “personagem” e não nos sujeitos reais, nós. Isso nos liberta para falar, ouvir e pensar coisas que quando no lugar do protagonista não falaríamos e não ouviríamos. É mais fácil discutir o “outro”, mesmo sabendo ou percebendo que este outro, na verdade, me habita.

A palavra “persona” vem do latim e significa “um tipo de máscara” usada pelos antigos atores ao representarem um papel. Personagens representam o que somos, o que podemos ser, o que não deveríamos ser. Nossas versões possíveis. Usamos essas máscaras para dizer e pensar sobre tudo que somos, mas com o conforto de não precisarmos encarar as luzes deste palco, como nós mesmos.

A criação de espaços para ouvirmos velhas e novas narrativas, criarmos outras narrativas, pensarmos e refletirmos sobre narrativas que produzimos e sobre os personagens/máscaras que criamos, produziria, sem dúvida, um ambiente mais saudável em nossas escolas, abrindo-se a possibilidade para criarmos um ambiente educativo mais rico e potente.

Experiência e humanização

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1994, p.203).

Seres humanos são formados pelas narrativas, o empobrecimento das narrativas contribui para o empobrecimento das experiências e, portanto, da própria humanização do sujeito.

Encontramos em Larrosa (2002) e Benjamim (1994) contribuições importantes para pensar o conceito de “experiência”. Experiência não é apenas o que você passa, mas o que se passa dentro de você e te transforma. Lembro-me de minha professora de Didática a ensinar (ainda menina, nos meus 16 anos) que aquilo que você de fato aprende não esquece, porque “aprender” é “apreender”. É trazer para dentro e tornar seu. As duas lições hoje dialogam para pensar a escola como um lugar onde deveríamos ir para ter “experiências” e “aprender” coisas. Um lugar onde não fôssemos apenas viver coisas, mas para termos experiência, vivenciar as coisas como experiências de aprendizagem: coisas que não passam por mim, mas me tocam, que me transformam e que passam a fazer parte de mim. Mas, na escola quase tudo está a serviço da “informação” e, como nos aponta Benjamim (1994): gera a morte da narrativa.

A História da Coca, narrativa da tradição oral brasileira, conta que “um menino joga um prato de angu contra a parede, a parede come o angu do menino e lhe dá um

pedacinho de sabão”. Esse é um exemplo de que a narrativa não está a serviço da lógica ou da informação. Não precisa explicar, e nunca criança alguma que me ouviu narrar essa história buscou explicação para o fato de que “paredes” não comem angu ou distribuem sabão. Elas compreendem. Isso lhes basta. Elas vivem a experiência da jornada do menino que era tão generoso no ato de dar suas coisas, mas também indeciso, pois sempre se arrependia. Imprudente ao doar uma coisa que precisaria depois, mas ao mesmo tempo solidário com a necessidade dos outros. Não preciso explicar. Ouvir e viver a jornada do menino é suficiente, lhes basta saber que, ao final, ele ganha algo de que gosta muito. Mas, esta é apenas uma das inúmeras possibilidades de interpretação da história.

Ao ouvir uma história cada um de nós vai tecendo com ela uma rede de outras narrativas, aquelas que nos constituem, que nos formam. A história é ouvida à luz das emoções, valores e cultura. Assim, ela não se produz como uma experiência única, ou como uma única narrativa, mas muitas, várias. Uma história produzida por cada uma das subjetividades colocadas em diálogo com a experiência da história.

Por isso, não faz sentido buscar a interpretação única. Ou selecionar informações soltas da história: “onde foi Chapeuzinho Vermelho?” “Chapeuzinho Vermelho foi... Dê a resposta completa.” A resposta mais completa a isso é: pare de matar a história no coração de quem a ouve! Você não sabe o que ela significou para o sujeito que a ouviu! Não sabe a dimensão do que ela está produzindo em cada ouvinte. Então, como interpretá-la? Da forma real como interpretamos as narrativas: recriando ao nosso modo! Assim, fazem os escritores, assim faz o cinema, o teatro. Porque na escola transformamos as histórias em simulacros de narrativas, vazias, superficiais e estúpidas?

Ouvir uma história bem escolhida e bem narrada, geralmente, se constitui em uma experiência para a criança, o jovem ou o adulto. Mas, não raramente essa experiência é descartada ou mal utilizada nas práticas de sala de aula. Para que a experiência de ouvir histórias se desdobre em outras significativas experiências, as histórias não podem ser “interpretadas” à luz de uma única (e pobre) alternativa. Elas precisam ser recriadas, revividas e repensadas sem o tal roteiro de interpretação.

Os estudantes e os professores assim o fazem quando livres das amarras da “didática”. Eles encarnam suas princesas, constroem os seus castelos e, conectados à fantasia, vão tecendo os fios das outras histórias que os constituem. As princesas ganham traços e trejeitos vários, de suas mães, tias, avós e professoras. Os monstros são recriados e possuem olhares ferozes, garras terríveis e até babam de raiva! Emitem sons aterrorizantes que impõem medo a todos os demais que (para o total desespero de muitas professoras!) correm e gritam por suas vidas! E suas histórias mesclam-se e tornam-se outras.

Explode, então, um universo rico de criação e recriação, de narrativas compartilhadas, escritas ao sabor do tempo, do local, dos objetos que vão saindo do baú de réalias. Mas, alguns docentes desatentos ou presos aos velhos mecanismos da interpretação única, não transformam essa rica experiência em texto escrito. Nem sempre ouvimos e registramos essas histórias, não convidamos nossos estudantes a ouvir as histórias uns dos outros, agora do lugar de autores. Podíamos aproveitar para ilustrá-las, revê-las e transformá-las. Podíamos pensar sobre a forma que deveriam ter nossos personagens e até mesmo representá-los.

Então, a narrativa se perde. A autoria se perde. O leitor, escritor, produtor, e contador de histórias se perde. Quando brincamos – crianças, jovens ou adultos – criamos histórias. Ao brincar, todos são narradores, autores, intérpretes. Mas, na escola eles se perdem em meio ao preenchimento das lacunas, da correlação de colunas e das cópias de frases “certas”.

Para que os muitos narradores, autores, intérpretes não se percam, precisamos nós, professoras, nos achar. Encontrarmo-nos neste lugar de narradoras, criadoras, intérpretes e contadoras de histórias. Precisamos aprender e viver nosso ofício como experiência e não como repetição do mesmo. Parar de querer explicar, para começar a entender. Deixar-se tomar. Deixar-se encantar. Deixar-se surpreender pela palavra.

Para que narradores, autores e intérpretes não se percam nós precisamos pensar para além do passado e para além do futuro. Qual o presente que estamos realmente construindo com nossos alunos? Quem realmente são? O que pensam? O que sentem? Quais experiências produzem? As novas gerações são chaves que podem

nos abrir portas. Elas podem nos ensinar muito com suas narrativas, com seus olhares novos para o mundo, com uma capacidade de imaginação que nos falta, com risos sem vergonha... Mas precisamos acreditar que podemos sim, ser felizes na escola... talvez, quem sabe, para sempre.

Referências

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 7 ed, 1994.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista brasileira de educação, Espanha n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002b.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a. p.133-160.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.